

## DESIGN AUTORAL, IDENTIDADE E GÊNERO: A CONSTRUÇÃO DO ESTILO DE UMA DRAG QUEEN A PARTIR DA MODA E DO PROJETO EDITORIAL

KAUÊ DE CARVALHO XAVIER<sup>1</sup>; LUCIA BERGAMASCHI COSTA WEYMAR<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – kauecarvalhoxavier@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – luciaweymar@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

A partir do entrelaçamento do tema design, identidade e gênero, a presente pesquisa visa o estudo das formas de *cross-dressing*<sup>1</sup> (em especial a *drag queen*) como expressão de arte, ao passo em que propõe a relação do tema com a questão da autoria em design, explorado pelo projeto de pesquisa (Des)autoria, design e arte, ao qual estamos inseridos.

Tendo em vista a escassez de tal temática no meio acadêmico, principalmente no campo do design, nosso trabalho tem por objetivo trazer a problemática da *drag queen* como possível objeto de estudo no qual as questões de identidade e gênero estão associadas a um projeto de design e moda. Tal projeto consiste na concepção e desenvolvimento projetual de uma hipotética *drag queen*, interpretada e denominada como Shantera Hari.

Para nortear a pesquisa, levantamos as seguintes questões: como se daria um processo criativo para a construção do estilo de uma *drag queen*? Quais suas inspirações e referências visuais para a definição do seu estilo? Visto a dimensão que esta figura tem conquistado, recentemente, nas mídias (televisão, videoclipes, redes sociais, etc.) podemos afirmar que a *drag queen* é ainda uma figura condicionada à vida noturna como objeto de espetáculo, ou seu trabalho (sua personagem) se mistura à vida cotidiana?

Para dar subsídio a estas discussões, apresentamos como nossas bases teóricas o conceito de identidade de Anthony Giddens (1999), as questões de autoria em design de Michael Rock (2002), o papel social da moda de Diane Crane (2000) e os estudos de gênero do NUREGS (Núcleo de Relações Étnico-Raciais, de Gênero e Sexualidade, 2014).

### 2. METODOLOGIA

Em nossa metodologia, adotamos uma visão da *drag queen* como um perfil para a ser analisado a cada etapa de execução do nosso projeto, o qual consiste na elaboração de uma marca, de uma coleção de moda e de um editorial.

Acreditamos que o editorial é um dos instrumentos de divulgação mais poderosos no mundo da moda ao lançar tendências e servir de modelo para revistas e catálogos, por isso propomos torná-lo um espaço híbrido a partir do diá-

---

<sup>1</sup> Há diferentes formas da prática *cross-dressing* e estas variações tem significados específicos para diferentes grupos. Além disso, estes grupos tendem a não ser homogêneos e, por vezes, as definições variam de acordo com os fatores sociais e subjetivos que uma pessoa que se veste como o “sexo oposto” adquire. Apesar da variação do significado do termo, em geral, um *crossdresser* pode ser definido como alguém que eventualmente se porta (ou veste) roupas e acessórios que são vistos como pertencentes ao “oposto” do seu “sexo biológico”. A prática de *cross-dressing* é combinada com a imensa possibilidade de variações dos termos de sexualidade e identidade de gênero. Costuma-se referir a pessoas que se vestem como o “sexo oposto” a fim de dedicar-se a práticas sexuais. (VENCATO, 2013, p.3, tradução livre)

logo de duas formas de representação: a fotografia e o desenho. Nesta fase, no que concerne ao design, o objetivo é demonstrar como ambos recursos podem coexistir num mesmo projeto para alcançar um resultado mais dinâmico e autoral.

Na presente pesquisa propomos, igualmente, um diálogo entre as metodologias de pesquisa e de projeto, divididas em três etapas e cumpridas paralelamente, uma vez que tratamos da relação de dois conceitos norteadores: gênero e design.

Assim, a metodologia de pesquisa científica divide-se em: 1) pesquisa bibliográfica e coleta de dados: estudo de fontes teóricas sobre identidade e gênero, seguido de uma categorização de imagens a partir de busca realizada nos perfis das redes sociais de personalidades e artistas *drags* a fim de servir de inspiração; 2) relatos sobre a experiência de assumir o papel de *drag* e uma interpretação pessoal sobre seu estilo de vida; 3) entrevista com *drag queens* na cidade de Pelotas a fim de conhecer suas experiências e posicionamentos sobre o tema.

Isto posto, a metodologia projetual divide-se da seguinte forma: 1) processo analítico: seleção de tendências e referências visuais para definição de um estilo e criação de um conceito para identidade visual da marca Shantera Hari; 2) processo criativo: projeto da marca, direção de criação e elaboração de uma coleção e um editorial a partir do desenho de moda; 3) processo executivo: aquisição de peças do vestuário, montagem dos *looks* e realização de um ensaio fotográfico<sup>2</sup> (no qual a Shantera Hari é a modelo).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ser *drag queen* é muito mais do que se “vestir de mulher”. A figura da *drag queen* muitas vezes é associada exclusiva e superficialmente ao entretenimento – o que não é visto com bons olhos por algumas delas que consideram tal pensamento um tanto pejorativo e estereotipado, em razão da variedade de estilos e personalidades no mundo das *drags*. Resumi-lo a apenas um tipo seria depreciar a diversidade que esta comunidade comprehende.

Tal diversidade permite a inclusão de discussões de identidade de gênero que a figura da *drag queen* reitera no contexto de *alta modernidade* do filósofo social inglês Anthony Giddens, que este artigo se propõe a investigar.

De acordo com a definição do glossário da LGBT Campus Center da University of Wisconsin-Madison, o termo *drag queen* designa “uma pessoa que se identifica como homem ou do sexo masculino que porta trajes, maquiagem e maneirismos do gênero feminino para fins artísticos ou de entretenimento; uma pessoa que sente conexão com a identidade feminina ao portar-se enquanto tal, durante uma performance ou na vida cotidiana; uma pessoa de qualquer identidade de gênero que se identifica com elementos performáticos da comunidade *drag*”<sup>3</sup>. Em acréscimo, Jaqueline de Jesus, em seu guia intitulado *Orientações sobre identidade e gênero: conceitos e termos* (2012) sugere o termo “transformista” como correspondente ao termo em inglês e afirma que “sua personagem não tem relação com sua identidade de gênero ou orientação sexual”.

Com base nestas definições, percebemos que a *drag queen* necessita de uma *audience* (spectadores, plateia).

<sup>2</sup> Fotografias e maquiagem realizadas com a colaboração da acadêmica de Design Gráfico da UFPel e make-up designer Mariana Schmidt.

<sup>3</sup> Tradução livre.

Primeiramente, o que faz uma *drag* ser considerada uma forma de *cross-dressing* é que ela requer uma audiência – desde suas origens nas artes performáticas. [...] Esta característica da arte da performance e sua necessidade implícita de uma plateia requer que a mesma saiba que aquilo é uma performance. É sabido que, geralmente, a *drag queen* é biologicamente um homem [...] e a plateia está ciente disso. (OOSTRIK, 2014)<sup>4</sup>

Entretanto, atualmente – e especialmente após o sucesso do *TV show Ru Paul's Drag Race - The American Next Drag Superstar*, a presença das *drags* em ensaios fotográficos para revistas, livros, eventos, desfiles, palestras, blogs, videoclipes, canais no YouTube e redes sociais – o conceito tradicional de plateia se torna obsoleto.

Ou seja, a “audiência” toma uma outra dimensão graças a sua presença e representatividade nas mídias. Já não se trata mais de ser apenas uma atração ou um espetáculo, mas uma forma de identidade que assume um papel social e uma postura política que alcança um público mais abrangente.

Portanto, ser *drag queen* é a arte de assumir uma personalidade, um estilo e um nome de inspirações pessoais e autoria própria. Assim como a construção da identidade parte de um processo de autorreflexão do eu, segundo Giddens (1999), a construção de um estilo parte de um processo criativo. Para tanto, a decisão de passar pela experiência de se “montar” e encarnar uma *drag queen* foi tomada para vivenciar os sabores de cada momento, desde a dificuldade de encontrar o tamanho ideal de um calçado até a sensação de estranhamento do meio social.

Alguns critérios serão tomados na escolha das personalidades que servem de referência e inspiração para o estilo da Shantera Hari: 1) representatividade de movimentos sociais (movimento negro, feminista e LGBT); 2) personalidades negras à semelhança do biótipo do autor; e, por fim, 3) presença e impacto destas personalidades nas mídias (televisão, Internet, etc.) nacionais e/ou internacionais.

Assim sendo, personalidades como Tyra Banks, Ru Paul Charles, Naomy Campbell, Nicki Minaj, Beyoncé Knowles, Lupita Nyong'o, Thaís Araújo, Karol Conka, Candy Melody e Inês Brasil são alguns dos referenciais para a formação da personalidade e estilo da nossa *drag*.

A fim de dar visualidade a este estilo propomos criar um tipo de painel semântico que representa, a partir de elementos visuais, o perfil e uma breve narrativa do surgimento da Shantera Hari, como paleta de cores, looks para cada estação do ano, tipos de maquiagem, acessórios, vestuário, cabelo, etc.

#### 4. CONCLUSÕES

Ao refletir sobre os temas de identidade e gênero e sobre a atuação do designer enquanto autor, percebemos que o designer é um profissional que tem uma imensa possibilidade de atuação e um potencial transformador na sociedade, ao transmitir valores simbólicos aos artefatos culturais que projeta.

Assim, nosso trabalho se apropria desta característica do design autoral ao tratar com seriedade o trabalho das *drag queens*, e oferecer uma alternativa projetual desenvolvida a fim de esclarecer a existência de um processo que demanda esforço, preparo físico, condições psicológicas e criatividade por detrás desta arte performática.

Com isso, podemos inferir que o designer-autor pode – e deve – articular seus trabalhos de forma a construir uma postura de tolerância e respeito à diversidade.

<sup>4</sup> Tradução livre.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

FERREIRA, A. J.; JOVINO, I. S.; SALEH, P. B. O. **Um olhar interdisciplinar acerca de identidades sociais de raça, gênero e sexualidade.** Campinas: Pontes, 2014.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Brasília: Publicação online, abr. 2012. Acesso em 04 de ago. 2016. Disponível em: <[http://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTAÇÕES\\_POPULAÇÃO\\_TRANS.pdf?1334065989](http://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTAÇÕES_POPULAÇÃO_TRANS.pdf?1334065989)>.

LGBT Campus Center of the University of Wisconsin-Madison. **Trans, Genderqueer, and Queer Terms Glossary.** Adaptado com permissão da JAC Stringer of The Trans and Queer Wellness Initiative. 2013. Acessado em 04 de ago. 2016. Publicação online. Disponível em <[http://www.lgbt.wisc.edu/documents/Trans\\_and\\_queer\\_glossary.pdf&sa=U&ved=0ahUKEwjh3L7N9ajOAhWsAsAKHayaDOUQFggEMAA&client=internal-uds-cse&usg=AFQjCNHiBVxvBuwzXhIC1wgIOTKknguyOg](http://www.lgbt.wisc.edu/documents/Trans_and_queer_glossary.pdf&sa=U&ved=0ahUKEwjh3L7N9ajOAhWsAsAKHayaDOUQFggEMAA&client=internal-uds-cse&usg=AFQjCNHiBVxvBuwzXhIC1wgIOTKknguyOg)>

OOSTRIK, S. E. **Doing drag: from subordinate queers to fabulous queens drag as an empowerment strategy for gay men.** 2014. Tese (Mestrado em Comparative Women's Studies in Culture and Politics). Ciências Humanas. Utrecht University. Acessado em 04 de ago. 2016. Publicação online. Disponível em: <<http://dspace.library.uu.nl/bitstream/handle/1874/299329/Thesis%20Sven%20Oostrik.pdf?sequence=2>>

ROCK, Michael. **The designer as author.** In: Eye magazine nº. 20, volume 51, 1996. Acesso em 10 de jun. 2016. Publicação online. Disponível em <<http://www.eyemagazine.com/feature/article/the-designer-as-author>>

VENCATO, A. P. **Body, gender, sexuality and subjectivity among men who practice cross-dressing.** In: CLAM. 2013. Sexuality, Culture and Politics - A South American Reader. pp. 346-365. Publicação online. Acesso em 05 de ago. 2016. Disponível em <<http://www.clam.org.br/uploads/publicacoes/book2/20.pdf>>